



Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Estudos da Linguagem - DEL

Habian Jhony Marques

**A representação do homem do interior e sua importância em
contos de João Guimarães Rosa**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Mariana Aparecida de Carvalho

Lavras – MG 2021

Dedicatória:

Dedico este trabalho a Deus que me deu forças para desenvolvê-lo, e a meus pais, que sempre me incentivaram aos estudos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, por ter me concedido saúde e determinação para superar as dificuldades na elaboração do trabalho. Aos meus pais, Cida e Hilton, que sempre fizeram questão de me apresentarem o mundo da leitura, desde criança bem pequena, através dos livros de Provérbios e Salmos das sagradas escrituras. À minha esposa, Paula, e filha, Alice, que compreenderam minhas ausências decorrentes da dedicação ao presente trabalho e me incentivaram incondicionalmente. Especialmente, gratidão à minha orientadora Mariana pelo brilhantismo e dedicação com que conduziu meus passos para a realização de tão importante e difícil missão, em que se dedicou, várias horas, a correções e orientações para que o presente trabalho saísse do imaginário e se tornasse realidade. Aos meus irmãos, Rodrigo e Kelly, pelos incentivos e carinho ao ouvirem sobre meus anseios e expectativas em relação ao curso e sobretudo com relação à elaboração do TCC. Também à honrada instituição de ensino Universidade Federal de Lavras que, através de brilhante corpo docente, ofertou um processo de ensino e aprendizagem de excelência, o qual contribuiu infinitamente para cultivar e incentivar o dom e o conhecimento técnicos necessários para ser um educador amante das Letras.

Resumo

O presente trabalho tem por objeto a análise dos contos “Famigerado”, “Fatalidade” e “As margens da alegria”, da obra **Primeiras Estórias**, do escritor João Guimarães Rosa, com a finalidade de extrair a importância da representação do homem do interior sob a perspectiva de como Rosa, através da linguagem literária, relata, ao leitor mais atento, aspectos referentes aos conflitos de realidades entre o homem dos grandes centros urbanos em relação ao homem do campo. Busca-se demonstrar que, apesar de a maioria das obras literárias e autores contemporâneos a ele representarem o homem do interior como “atrasado” e inadaptado ao “progresso”, Rosa os insere na sua arte literária de modo a respeitá-los e aceita-los com sua real identidade, sem reduzi-los a descrições pejorativas. Portanto, o presente trabalho pretende discutir de que modo o autor apresenta seus personagens como representantes de um povo de identidade genuinamente brasileira, sem os apelos do discurso europeu. Assim, investigar se ao promover crianças, jagunços e moradores simples de povoados como protagonistas desses contos, Rosa os eleva a agentes de suas cidadanias, a seu modo, os quais, em contato com a civilização ou com um interlocutor oriundo dos grandes centros urbanos, revelam uma relação de tensão entre o Brasil do interior versus o Brasil do litoral, influenciado por valores europeus.

Palavras-chave: Contos Roseanos; Representação; Personagens; Homem do Interior.

Abstract

The purpose of this paper is to analyze the short stories “Famigerado”, “Fatality” and “The margins of joy” from the work *Primeiras Estórias* by writer João Guimarães Rosa, with the purpose of extracting the importance of representing the countryside from the perspective how Rosa, through literary language, reports to the most attentive reader, aspects related to the conflicts of realities between the man of the big urban centers in relation to the man of the country. And so, to demonstrate that, although the majority of literary works and authors contemporary to him, represent the man of the interior as “backward” and unsuitable for “progress”, Rosa inserts them in his literary art from the perspective of respecting them and accepts them with their real identity without reducing them to pejorative descriptions. Therefore, this paper aims to discuss how the author presents his characters as representatives of a people with a genuinely Brazilian identity without the appeals of European discourse. Thus, investigating whether, by promoting children, jagunços and simple inhabitants of villages as protagonists of these tales, Rosa elevates them to agents of their citizenship in their own way who in contact with civilization or with an interlocutor from large urban centers reveal a relationship of tension between inland Brazil versus coastal Brazil influenced by European values.

Keywords: Rosean Tales; Representation; Characters; Country man.

Lista de tabelas

Tabela 1: Quadro da estrutura do conto.....	23
---	----

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
1. A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO GÊNERO CONTO.....	10
2. A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR NA LITERATURA	13
3. PERSONAGENS DE ROSA E A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR	18
4. CONTOS DE ROSA.....	21
4.1 FAMIGERADO	21
4.2 AS MARGENS DA ALEGRIA	26
4.3 FATALIDADE	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

Introdução

“Escrever é tentar ilustrar, em palavras, o que se sente na alma. A ilustração nem sempre traz luz ao que o poeta deseja. Mas provoca no leitor sentimentos únicos e insondáveis. Ao escrever, o poeta apenas ilustra provocações únicas a cada leitor.” (Habian Marques)

A presente pesquisa pretende observar como o escritor brasileiro, mineiro de Cordisburgo, João Guimarães Rosa, em seu livro *Primeiras Estórias*, representa o homem do interior através dos personagens dos contos “Famigerado”, “As Margens da Alegria” e “Fatalidade”, destacando, assim, através da linguagem literária, a importância desses personagens, portadoras de saberes diferentes, para revelar as tensões entre a sociedade rural e a urbana.

A escolha dos contos foi baseada, inicialmente, pela experiência de ter tido contato com a obra *Primeiras Estórias* no primeiro ano do Ensino Médio. O conto “Famigerado” foi encenado pelos alunos, em que o autor do presente trabalho atuou como o médico. O conto “Fatalidade” foi escolhido pela semelhança de estrutura social entre os personagens Delegado e Zé Centeralfe com os personagens Damásio e o Médico em “Famigerado”. Já o conto “As Margens da Alegria”, apesar de retratar a tensão comentada, foi escolhido por quebrar a relação conflituosa entre os personagens, pois entre o Menino e seus Tios não houve uma tensão explícita.

Importante destacar que a obra é permeada por encontros entre o mundo rural “atrasado” e o urbano “moderno”. Todavia, os 3 contos foram selecionados por serem representativos e por, a partir deles, podermos analisar a representação do homem do interior sob diferentes óticas e a partir de variados aspectos. Assim sendo, ao analisarmos os contos “Famigerado”, “Fatalidade” e “As margens da Alegria” podemos entender como se opera a construção textual de um dos maiores escritores brasileiros em sua obra **Primeiras estórias** para a caracterização de seus personagens, pois, nesses contos, encontramos as características as quais foram observadas no prólogo da obra:

Os protagonistas de *Primeiras estórias* farejam esses acontecimentos, adivinham esses milagres. São todos, em grau menor ou maior, videntes: entregues a uma idéia fixa, obnubilados por uma paixão, intocados pela civilização, guiados pelo instinto, inadaptados ou ainda não integrados na sociedade ou rejeitados por ela, pouco se lhes dá do real e da ordem. Neles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. O que existe

dilui se, desintegra-se; o que não há toma forma e passa a agir. Essa vitória do irracional sobre o racional constitui-se em fonte permanente de poesia. (ROSA, 2001, p. 25)

Desse modo, de forma sutil, nas entrelinhas dos contos, enfatiza-se o diálogo e os conceitos equivocados de valorização daquilo que é oriundo dos grandes centros como melhor, correto, e o que deve ser seguido em aspectos culturais e sociais quase que como uma rejeição aos valores e à vida do campo. Também se observa, em determinado grau, a partir da narrativa o abandono das instituições constituídas ao povo do interior em aspectos educacionais, de saúde, justiça e até de autoridade no sentido da aplicação da lei.

Essa perspectiva dos contos a serem comentados torna-se importante diante da semelhança do mesmo comportamento social e do Estado em relação às populações do campo nos dias de hoje. Mesmo o Brasil sendo um país de base econômica no agronegócio, ainda existem as situações de abandono do campo, o preconceito sociolinguístico e o discurso de supervalorização dos grandes centros urbanos com conotação de superioridade em relação ao campo.

Assim sendo, buscando contrariar esse discurso equivocado, pretendemos investigar a hipótese de que, a partir da narrativa literária e através da arte, buscou-se representar determinada identidade interiorana, bem como as realidades e saberes sociais que outrora poderiam ser desprezados pelos grandes centros urbanos. Então, é perfeitamente possível que Rosa possa ter registrado, de forma inteligente e artística, reflexões e questionamentos, visando marcar o lugar e importância do homem sertanejo na construção e constituição das identidades do Brasil. Assim, pretendemos realizar uma pesquisa voltada para a questão da representação do homem do interior do sertão de Minas Gerais e sua importância em contos de João Guimarães Rosa.

Para esse fim, o trabalho se divide nos capítulos A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO GÊNERO CONTO; A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR NA LITERATURA e PERSONAGENS DE ROSA E A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR. Após apresentação dos capítulos introdutórios discorreremos, sobre reflexões dos contos roseanos nas seções denominadas FAMIGERADO; AS MARGENS DA ALEGRIA e FATALIDADE.

Assim, procedemos a pesquisa com respaldo em autores como Antônio Candido de Mello e Souza; Beth Brait; Pinto da Silva; Viviane Michelline Veloso; Adriana Lins Precioso; Regilane Barbosa Maceno; Raimundo Dalvo Costa entre outros, os quais encontram-se aqui referenciados.

1. A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO GÊNERO CONTO

De acordo com o estudioso Rosenfeld no livro “A personagem de Ficção”, o autor, de modo geral, ao criar seus personagens, através das orações concebidas por meio do mundo objectual, ou seja, da relação dos sujeitos com suas características físicas, psicológicas, sociais, culturais, etc., presentes em sua narrativa ficcional, e também pela força determinante do uso do pretérito, característica recorrente do gênero conto, mesmo que numa perspectiva fictícia, demarca a existência do personagem de uma maneira independente da consciência do leitor. E esse, por sua vez, ao ler alguma oração a respeito do personagem sobre, por exemplo, como é, como está vestido, e de qual lugar é, já toma uma consciência de sua existência anterior à leitura, como também do universo a sua volta.

Ainda conforme Rosenfeld, essas relações das orações induzem, ao leitor, a conceber características de um universo em torno do personagem que, muitas, ou até mesmo a maioria, não sejam diretamente citadas pelo narrador da ficção de uma obra literária.

Então, a constituição dos personagens e do mundo na obra ficcional é feita de maneira intencional para criar os contextos filosóficos, sociais e psicológicos numa realidade pretendida pelo escritor em suas interações com o leitor. É interessante que no caso de obras ficcionais não há que se falar em verdades concebidas em comparação a textos jornalísticos, científicos, já que, muitas vezes o autor, usa do mundo imaginário para retratar suas opiniões, conclusões e perspectivas daquilo que ele acredita ou questiona como ideal de mundo.

Continuando sob a perspectiva da narração fictícia e a construção dos personagens, o autor Rosenfeld observa que:

Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. (CANDIDO, ROSENFELD, PRADO E GOMES, 1968, p. 18)

Apesar de a observação anterior referir-se a narrativa de romances e a criação dos personagens do mesmo gênero, entendemos que, pela proximidade das estruturas narrativas, dada as semelhanças dos contos aos romances, compreendemos que a arquitetura dos contos e a constituição de seus personagens podem, perfeitamente, se adequar às constatações encontradas nos preceitos dos autores citados, principalmente pelo uso do pretérito, o qual

determina a existência do personagem no conto independente e anterior a leitura da obra literária.

Na mesma perspectiva de uma criação para retratar um ideal de mundo através dos contextos imaginários dos contos, a autora Beth Brait, no artigo “A Personagem” afirma:

Porta-voz do autor seria uma outra função passível de ser desempenhada pela personagem. Essa visão, também discutível, baseia-se numa longa tradição, empenhada em enfrentar essa instância narrativa como a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador. (BRAIT, 1985 p. 50)

Então, é importante compreender que existe a possibilidade de os personagens projetarem um ideal de mundo de acordo com as concepções e vivências do escritor. Todavia, esses personagens podem ser concebidos de maneira totalmente fictícia, ou seja, inventadas sem nenhuma correspondência com as vivências do escritor e nem com o que ele acredita.

É importante ressaltar que até nesse momento concentramos nossas observações na constituição da personagem sob a perspectiva do escritor. Todavia o leitor também participa desse processo de construção da personagem, uma vez que, suas vivências, conhecimento de mundo e profundidade em que realiza a leitura contribuem para esse processo de construção, sem, contudo, eliminar ou ignorar a gênese criativa pretendida pelo autor da obra. Mas, é fato que as referências do leitor contribuem para caracterizar o personagem em maior ou menor profundidade de sua função nas relações diretas com a obra e até de inferências com a realidade exterior a ficção. Vejamos o que afirma Brait:

A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realizam-se na articulação verbal. Nesse mundo de palavras, nessa combinatória de signos, o leitor vai se alfabetizar, vai ler o mundo e decifrar a sua existência. Nos olhos de ressaca de Capitu, assim como na ambigüidade de Diadorim e Riobaldo, o leitor vai perseguindo, palavra a palavra, traço a traço, uma construção que, pelo seu encadeamento particular, garante a sua própria existência, a sua independência, criando os seus referentes e abrindo um mundo de leituras. Mas, se a construção de uma personagem, o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para a viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor. (BRAIT, 1985 p. 66, 67)

Mais uma vez, tomamos emprestado a similaridade de criação das personagens dos romances com os contos, todavia reconhecemos que nos contos, por aparentemente serem de uma extensão narrativa bem menor que os romances, em alguns casos, o espaço para caracterizações de conflitos existenciais ou psicológicos dos personagens é reduzido. Então, a caracterização dos personagens nos contos ocorre de modo mais resumido e preciso. Essa característica de brevidade em relação aos romances não impediu Rosa de levar, ao leitor, reflexões sobre várias facetas dos personagens ali representados.

Assim como comenta Brait sobre Capitu, personagem de Machado de Assis, comenta, também, sobre Diadorim e Riobaldo, ambos Personagem de Rosa, em que, através do mundo das palavras, o leitor é levado a uma composição de traços de um mundo particular de cada um desses personagens, compartilhado com as dimensões de mundo ditada pela sensibilidade do autor da obra.

Semelhantemente, os personagens Damásio, o Menino e Zé Centeralfe, dos contos aqui em análise, conseguem, através da articulação verbal utilizada pelo autor, em conjunto com a perspectiva assumida pelo leitor, oportunizar inúmeras leituras sobre a dimensão da representatividade dessas figuras dada a genialidade narrativa de João Guimarães Rosa. Desse modo, através das narrativas dos contos, encontramos, nesses personagens, complexas interações de natureza social, cultural e de identidade numa perspectiva de conflito entre o homem do Brasil “civilizado” e o homem Brasil do interior.

Toda essa atmosfera criada por Rosa, nos contos, aqui analisados, favorece uma dimensão ilimitada nas caracterizações existenciais e psicológicas dos personagens principais de modo que, certamente, suas dimensões representativas alcançam níveis similares aos dos personagens de romances, uma vez que suas existências transcendem as palavras dos contos, partindo da perspectiva da dimensão da sua representatividade em relação ao homem do campo, do interior do Brasil.

2. A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR NA LITERATURA

A representação do homem do interior na literatura é marcada por estereótipos, observações e conceitos determinados, muitas vezes, pela perspectiva exclusiva das classes dominantes do ponto de vista social e econômico como das elites intelectuais. Por isso, observamos no trabalho de Pinto da Silva (2008), relatos sobre as narrativas carregadas de rótulos sobre o homem do interior, em que afirma que:

O uso da palavra “caipira” no período de passagem do século XX para o século XXI no Brasil pode parecer bastante claro, ainda mais quando se quer fazer referência aos modos e costumes do homem do interior do Brasil, especialmente aquele vivente nas regiões interioranas do Estado de São Paulo e zonas fronteiriças, como sudoeste do Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais e sul de Goiás. E não é sem razão: a maioria dos dicionários da língua portuguesa apresenta este vocábulo como qualificativo de “...habitante do interior”, “...do interior do Estado de São Paulo”, mas que pode assumir variações diversas conforme a região brasileira. (PINTO DA SILVA, 2008 p. 23)

Importante destacar que é abordado um homem do interior específico, geralmente mais simples e humilde, e não exatamente a elite rural. Além disso, sabemos que mesmo entre esses homens haviam diferenças sociais em suas relações.

Desse modo, a representação do homem do interior na literatura foi majoritariamente registrada por escritores os quais não faziam parte da comunidade a qual descreviam, pois era muito comum que homens, mulheres e jovens do interior do Brasil não possuíssem a cultura letrada, ou seja, não dominavam a língua padrão escrita e passavam seus valores, crenças e cultura por meio da oralidade.

Essa realidade, a mazela do analfabetismo, no seio da população interiorana, abriu espaço para que eles fossem representados tanto por perspectivas negativas como também, mas em menor proporção, por perspectivas positivas. Nesse sentido Pinto da Silva registra em seu trabalho:

Por possuírem uma cultura calcada na tradição oral poucos registros documentais foram produzidos pelos homens que habitavam as matas e sertões do interior brasileiro, ficando praticamente impossível compreender o caipira por ele mesmo. Coube basicamente ao homem da cidade o papel de descrever e compreender a cultura e o homem do interior e, ao cumprir esse papel, o fez empregando os conceitos e preconceitos que eram próprios do seu mundo. Daí ser possível afirmar que o caipira é, na verdade, uma representação do “que viu e pensou uma gente letrada e urbana (PINTO DA SILVA, 2008, p. 32)

Sendo assim, a representação do homem do interior na literatura é predominantemente marcada por valores cultivados pelas elites financeiras e intelectuais brasileira as quais veneravam valores europeus dos nossos colonizadores como também da elite francesa. Por isso, compreendiam como civilizado, como o ideal e um valor a ser alcançado o modo de vida social espelhados nas metrópoles europeias.

Então cultivavam como superior a cultura contrária ao que vivia o homem do interior, e, por isso, o representava na literatura, na maioria das vezes, como inapropriados ao desenvolvimento do Brasil entre tantas outras conotações pejorativas. Certamente, essa postura perpetuava o discurso do colonizador permeado de superioridade em relação a sua ex-colônia. Vejamos como essa perspectiva é compartilhada por Pinto da Silva em sua obra:

A autoconsciência de superioridade, sobretudo nos planos político e comportamental, se cristalizou na palavra “civilização” e ressoou mundo afora. Civilização ou civilizar passaram a ser empregados por grupos sociais ou mesmo indivíduos que visavam distinguir em relação aos demais, justificando com isso uma possível superioridade. Foi assim, no início do século XX, que a elite econômica brasileira, predominantemente citadina, buscou diferenciar-se do restante da população associando, através da literatura, o conceito de vida civilizada com a imagem do homem citadino urbano retratado como um indivíduo polido, freqüentador de escola, apto ao trabalho, respeitador das leis, conhecedor dos seus deveres. Em contrapartida, surgia como símbolo do atraso e do primitivo a figura do homem rural, caricaturado como um ser desqualificado para o trabalho, indolente, vadio, conformista, movido por ações intuitivas, não inserido nas relações de mercado e nem respeitador das leis do Estado. (PINTO DA SILVA, 2008, p. 33, 34)

Ainda coadunando com a ideia de superioridade e de civilização baseada nos valores do homem europeu, que influenciaram a elite brasileira, o estudioso francês Saint-Hilaire (1975), citado por Pinto da Silva, descreveu, de forma depreciativa e preconceituosa, as pessoas que viviam no interior de Minas Gerais, São Paulo e Goiás durante suas viagens no interior do Brasil:

A população da França, como a de toda a Europa ocidental, é perfeitamente homogênea – uma só raça de homens e não existem escravos. O mesmo, infelizmente, não ocorre no Brasil. Não somente a escravidão é ali admitida, como também três raças completamente distintas (e os numerosos mestiços que as ligações entre as mesmas produziram) constituem a população do país. Escravos negros, uns crioulos, outros africanos; negros livres, africanos e crioulos; alguns indígenas batizados; um número considerável de indígenas selvagens; mulatos livres e mulatos escravos; homens livres, todos

considerados, perante a lei, como da raça caucásica, entre os quais se encontra, porém, grande quantidade de mestiços de brancos e de indígenas – tais são os habitantes da província de São Paulo. Estranha confusão de raças, do que resultam complicações embaraçosas e perigosas, quer para a administração pública, quer para a moral social. (SAINT-HILAIRE, 1975 apud PINTO DA SILVA, 2008, p. 37)

O discurso desse francês nos dá indícios concretos e substanciais para entendermos o porquê de a representação do homem do interior na literatura ocorrer, quase que predominantemente, de forma depreciativa pela elite intelectual brasileira, pois, essa elite, nada mais faziam do que repetir o discurso dos colonizadores baseados nos valores europeus. Nessa perspectiva, vejamos o que nos diz o autor Pinto da Silva:

Não se pode afirmar que sejam esses viajantes os pioneiros nas formulações pejorativas acerca das populações interioranas. Talvez eles tenham acoplado, ao caipira, imagens que já estavam dispersamente postas no imaginário do homem urbano letrado brasileiro. Contudo, não há dúvida de que os relatos de viagens produzidos por Auguste de Saint-Hilaire, na primeira metade do século XIX, foram decisivos para cristalização dessa imagem negativa do homem do interior – caipira. Muitas de suas formulações aparecerão em trabalhos posteriores com o mesmo propósito: de inferiorizar a cultura caipira e de justificar uma possível intervenção civilizatória em seu meio, conforme veremos na representação do sertanejo, construída por Euclides da Cunha, na imagem do caboclo, imortalizada por Monteiro Lobato[...] Em Euclides da Cunha por exemplo, o sertanejo é retratado com imagens monstruosas, reflexo de um meio físico adverso no qual é um sobrevivente. O sertanejo é antes de tudo um ser degenerado pela mestiçagem, um retrógrado que vive isolado geograficamente a par do processo histórico e cujo contato com o mundo civilizado é o seu extermínio. (PINTO DA SILVA, 2008, p. 38, 39)

Assim, não nos restam dúvidas de que a representação do homem do interior na literatura é carregada de preconceitos e injustiças ao povo do campo como rejeição a sua cultura, modo de vida e linguagem. Desse modo, personagens como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, representam, de forma clara, essa tendência de representações pejorativas do homem do interior na literatura como nos demonstra Pinto da Silva:

É assim também com o caboclo na emblemática figura do Jeca Tatu construída por Monteiro Lobato. Para Lobato, o Jeca de *Urupês* é comparável a um parasita, um ser obscuro que, por não se interessar pela “luz” civilizatória nada cria e nem manifesta intenção de criar, por isso torna-se impenetrável ao progresso e à civilização. [...] O Jeca produz apenas o necessário para a subsistência, ao contrário do fazendeiro que manipula a terra para a produção e comercialização de excedentes. [...] Para Lobato a imagem do Jeca Tatu preguiçoso, sem nada de criador, ou seja, um parasita, corresponde a uma

anomalia, uma doença, um desequilíbrio e não às condições socioculturais que lhe são próprias. (PINTO DA SILVA, 2008, p. 39,40,41)

Portanto, a representação do homem do interior na literatura sofreu influências tanto de padrões europeus de civilização e organização social como também dos padrões considerados ideais pela elite intelectual e econômica brasileira. Fato que resultou numa formação de imagem equivocada e preconceituosa no imaginário dos homens comuns como dos doutos e letrados dos grandes centros urbanos do Brasil.

Todavia, houve autores que, na mesma época em que se produzia literatura pejorativa com relação ao homem do interior, escreveram contos, cantigas, versos e até manifestações diretas em defesa e valorização do homem interiorano frente às manifestações negativas, como é o caso das publicações de Cornélio Pires em contraposição a Monteiro Lobato, como observa a seguir Pinto da Silva:

A insatisfação de Pires em relação aos escritos de Lobato sobre o homem do interior paulista manifesta-se publicamente quando Pires escreve a obra *Conversas ao Pé-do-Fogo* em 1921. Antes de começar a série de contos que compõem essa produção, Pires faz questão de iniciá-la com uma espécie de nota explicativa intitulada *O caipira como ele é*, cujo conteúdo deixa transparecer uma inquietação do autor em relação à Monteiro Lobato, que em Urupês, estilizava a figura do Jeca Tatú como sendo a regra no meio rural: (PINTO DA SILVA, 2008, p. 62)

Ou seja, a crítica em si não ocorre tanto devido à representação realizada por Lobato, mas diz respeito mais ao fato de o autor estender tal representação a todos, como se a estilização empregada correspondesse ao que, de fato, eram os homens do interior, via de regra e sem exceção.

Por a discussão empreendida ser de suma importância para o presente trabalho, destacamos, abaixo, um trecho do próprio Cornélio Pires, em que afirma que:

O nosso caipira tem sido uma vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseados em rápidas observações sobre “mumbavas” e “agregados”, (...) certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o “todo” pela “parte”, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, bêbado, idiota e “nhampã! (Cornélio Pires, 1921 apud Pinto da Silva, 2008, p. 62)

Assim, independente do período, estilo ou da localização temporal literária de João Guimarães Rosa, Monteiro Lobato e Cornélio Pires, levantamos a hipótese de que os personagens Roseanos, bem como suas narrativas nos contos, que serão aqui discutidos,

estabelecem um diálogo de contraposição ao discurso pejorativo ao homem do interior, como por exemplo, observamos em Monteiro Lobato a partir das hipóteses levantadas por Pinto da Silva. Desse modo, o discurso de Rosa, nesses contos, ao invés de excluir e desvalorizar, como era comum nas artes literárias, vem construir uma narrativa de valorização da cultura, do jeito de ser e de falar do homem do interior do Brasil, bem como da sua relação, do olhar e do cuidado para com a natureza, como, acontece nas impressões e observações do Menino personagem do conto “As Margens da Alegria”

3. PERSONAGENS DE ROSA E A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO INTERIOR

Ao analisarmos as características dos personagens de alguns contos de Rosa, como no conto “Famigerado” podemos verificar como o autor convida o leitor a deduzir que o personagem-narrador é um médico. Rosa, através da narrativa de ficção, para provocar a inferência em que o narrador-personagem é um médico, usa do recurso das orações concebidas por meio do mundo objectual dentro da narrativa do próprio personagem. Além disso, para provocar a inferência de que o personagem-narrador é um médico, Rosa usa do recurso das orações concebidas por meio do mundo objectual dentro da narrativa do próprio personagem, ao escrever, no conto, as seguintes orações; “Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta” (ROSA, 2001, p. 51). Assim, o leitor pode concluir que o personagem Damásio conversava com um médico pela natureza das indagações do narrador.

Outro aspecto interessante é que a na frase citada aparece o verbo “perguntar” no pretérito o que dá ao conto um narrador onisciente e que existe independente da consciência do leitor. Ao relatar sobre características físicas, psicológicas, comportamentais e sociais do personagem Damásio, o autor do conto, usa das mesmas técnicas para a caracterização dos personagens de romances como podemos observar no seguinte excerto:

No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser. [...] A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam a cada instante, no modo de ser das pessoas. (CANDIDO, ROSENFELD, PRADO E GOMES, 1968 p. 43 e 44)

Assim, ao investigarmos a constituição dos personagens médico e o jagunço do conto “Famigerado”, de Centralfe, o delegado e o jagunço Herculião no conto “Fatalidade”, do menino de seus tios e do peru no conto “As Margens da Alegria”, perguntamo-nos que relação a narrativa ficcional poderia estabelecer entre eles e a realidade vivenciada no sertão do interior de MG e sul da Bahia?

Acreditamos que, mais do que relatar sua experiência de pesquisas sobre as condições, o modo de vida, costumes, culturas e crenças dos povos desses lugares há a possibilidade de vislumbrarmos, por meio da ficção e da criação dos personagens que representavam as observações de Rosa, a beleza da vida interiorana e a importância do homem do campo para o país, demonstrando a situação de ausência do Estado, da sociedade “organizada” dos grandes

centros para as pessoas do interior como, por exemplo, a falta de oportunidade de alfabetização, as relações de poder e os conflitos entre o homem letrado de grandes centros frente ao homem do sertão.

Assim, tudo indica que as caracterizações, tanto física como psicológicas e sociais dos personagens de Rosa nos contos discutidos, contribuíram para demonstrar a beleza e riqueza cultural do homem do interior, bem como a relação conflituosa dos homens do Brasil dos grandes centros para com essas populações do sertão Roseano. Então, há, na criação de João Guimarães Rosa, no que tange a nossa discussão sobre os personagens, a manipulação da realidade para construí-los no contexto da ficção dos contos. Desse modo, acreditamos que as constatações listadas respondem a indagação presente no seguinte excerto:

No processo de inventar a personagem, de que maneira, o autor manipula a realidade para construir a ficção? A resposta daria uma idéia da medida em que a personagem é um ente reproduzido ou um ente inventado. Os casos variam muito, e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza. (CANDIDO, ROSENFELD, PRADO E GOMES, 1968 p. 50)

Mais uma vez percebemos o quanto é similar o processo de constituição da personagem nos contos citados e nos romances, pois, como comentado, podemos considerar a possibilidade de Rosa ter criado os personagens através de uma sensível observação da realidade e os inventa numa narrativa ficcional para um diálogo rico com um leitor mais observador, um leitor ciente da capacidade de registros abrangentes do ponto de vista humano, social, histórico, cultural e psicológico pela arte literária. Ou seja, a partir da ficção Roseana, podemos observar a representação do homem do interior, mais especificamente nos contos aqui analisados, bem como depreender a importância de tais figuras não apenas para a ficção em si, mas para uma discussão sociológica mais abrangente. Dentro dessa perspectiva, o personagem representado seria o resultado de observações de várias pessoas conhecidas pelo autor em suas andanças e o personagem inventado seria o personagem inserido no contexto dos contos que caracteriza os vários aspectos daqueles observados pelo autor em suas múltiplas características e natureza. Coadunando com as afirmações anteriores, temos a seguinte observação:

deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras (CANDIDO, ROSENFELD, PRADO E GOMES, 1968 p. 52)

Isso posto, observamos que, ao criar os personagens dos contos em análise, Rosa os inventa segundo a maneira mais eficaz, conforme os autores acima descrevem. Nesse sentido, além de inventá-los através da narrativa ficcional, Rosa os representa de modo a iluminar determinadas características que podem ser atribuídas ao homem do interior retratado em suas obras.

Outra característica do autor em destaque na criação de seus personagens está na sua capacidade de conceber, através da linguagem, o mundo que os cerca, em suas vivências no ambiente do homem e urbano, metropolitano em tensão com o mundo interiorano de seus personagens. Assim caracteriza, detalhadamente, através de sua estética literária, o ambiente de vida de personagens como Damásio, o menino e Zé Centralfe, os quais conheceremos a seguir, através das análises dos contos que compõem o presente trabalho.

4. CONTOS DE ROSA

4.1 FAMIGERADO

Rosa apresenta no conto “Famigerado” o diálogo entre um médico e um jagunço valentão a respeito de uma palavra desconhecida pelo sertanejo. A estória é narrada em primeira pessoa, sendo o médico o narrador personagem, contando com poucos personagens, de modo a ficar em destaque não apenas o teor do diálogo entre o médico e o valentão Damásio, como também o cenário rural, a oposição do conhecimento frente à força bruta e a cultura do povo do interior. Salientamos, porém, que o homem do interior, embora seja representado como o portador da força bruta, esse também é portador de determinado conhecimento. Conhecimento este que pode ser menosprezado quando se comparado a outros saberes. Todavia há saberes no interior.

Assim, investigamos no conto citado como Rosa emprega a linguagem literária para ilustrar a interação entre o homem do interior com o homem dos centros urbanos numa perspectiva de subordinação daquele para com este.

A tensão criada pela linguagem no conto “Famigerado”, de Rosa, entre o jagunço e o médico, além de ilustrar a relação de poder estabelecida pelo conhecimento, ou não, da língua padrão, também ilustra o embate nas relações socioculturais do Brasil moderno com a realidade da maioria de seus habitantes que vivem no interior. Embora, jagunços e vaqueiros tivessem, à época, importantes papéis sociais como de povoamento e ocupação do território, eram ignorados e considerados como arcaicos e de importância secundária pelos representantes da elite da sociedade urbana brasileira.

Ao permear seus contos com o linguajar do campo, com traços de oralidade, relatando aspectos culturais, Rosa interfere na estética da arte literária com o fim de demonstrar determinadas identidades regionais, evidenciando ao “Brasil moderno” o valor das múltiplas identidades presentes no campo e/ou interior. Sobre esses aspectos das tensões representadas na obra de Rosa, vejamos o que diz a autora Vasconcelos: “é possível ler sua obra como um espaço de tensão permanente entre o arcaico e o moderno, o rural e o urbano, o oral e o escrito” (VASCONCELOS, ano, p. 79). Nesse sentido, compreendemos que o conto “Famigerado” se enquadra tanto na conexão do mundo rural com o moderno, bem como com as tensões da relação entre essas realidades no Brasil, pois sua narrativa coloca em contato personagens como o narrador culto e o jagunço Damásio, os quais, através do diálogo, demonstram a perspectiva do poder da palavra e o conflito entre o arcaico e o moderno como verificado na citação acima.

E de maneira sutil, na estética da arte literária, Rosa, inclui todo esse universo rural ao mundo das letras, assim como afirma Vasconcelos:

É dessa subcultura sertaneja, povoada por tropeiros, capiaus, boiadeiros, pequenos fazendeiros que trata a obra de Guimarães Rosa. É o mundo da arraia miúda, da roça, o espaço privilegiado por ele, em que “o boi e o povo do boi” ocupam o primeiro plano e se tornam protagonistas de suas vidas e histórias. O povo em Guimarães Rosa canta, diz versos, conta histórias, dança, reza, expressa suas superstições e crenças, repete provérbios. [...] as soluções artísticas encontradas por Rosa se aplicam perfeitamente ao conjunto da obra do escritor mineiro. Nela, as subculturas da região do sertão mineiro quer a de vaqueiros quer a de jagunços encontram voz e são colocadas em situação de permanente diálogo com a cultura letrada e urbana, representada pelo narrador (VASCONCELOS, 1998 p. 81, 83)

O conto “Famigerado” também nos coloca em um questionamento da tensão entre a integração, interação ou mesmo consideração do Brasil dos grandes centros para com o Brasil do interior, pois, através da linguagem, o conto nos demonstra como as relações de poder, conceitos de “superioridade” e até mesmo de determinação dos valores sociais podem sofrer influência da Língua. Já na época em que o conto foi publicado, a maior parte da população brasileira morava no campo, o que contribuiu para altos índices de analfabetismo. A este respeito, Maceno afirma que:

O livro Primeiras estórias foi lançado em 1962. Neste período, o Brasil era uma nação dividida entre o campo, onde morava a maioria da população, e a cidade, marcada pelo progresso da industrialização, do desenvolvimento da indústria automobilística, da construção de Brasília. Evidente que na população rural grassava o analfabetismo, praga que sempre marcou o brasileiro. (BARBOSA MACENO, 2016 p. 153)

Então, acreditamos que o diálogo entre o jagunço Damásio e o médico retrata as diferenças do Brasil rural e o Brasil dos grandes centros urbanos, pois o fato de o homem simples ter viajado mais de 28 quilômetros a cavalo, para saber o significado de uma palavra, revela as diferenças existentes entre os saberes desses dois personagens. Mas, nas entrelinhas do conto, nos deparamos com questões mais sérias como a exclusão pelo uso da língua, uma vez que Damásio não foi capaz de interpretar, contextualizar e saber o significado da palavra “famigerado” usada pelo moço do Governo e teve que recorrer a um médico para que lhe esclarecesse sobre o significado.

Outra questão que merece atenção é o fato de Damásio ter procurado um médico ao invés de um professor, fato que indica que o povo daquela comunidade não tinha acesso a

escolas e professores, além disso, demonstra a cultura do povo do interior em considerar os médicos como doutores que detinham considerável conhecimento. Nesse sentido percebemos a ausência de oferta de educação formal ao povo do interior de modo a retratar a exclusão social deles pela falta de conhecimento da variante padrão da língua, como podemos observar nas palavras de Maceno (2016 p. 163) “Esta sociedade mostrava-se dividida, com uma minoria tendo acesso à escola e, por conseguinte, ao poder advindo do uso da língua em variante padrão”.

Assim, vemos o quanto a norma padrão da língua pode ser objeto de exclusão numa sociedade com grande número de analfabetos. O quadro da autora Maceno demonstra como o conto de Rosa dialogou com as tensões entre os dois Brasis - o rural do interior e o moderno dos grandes centros, vejamos:

Centro urbano.	Sertão, zona rural.
População escolarizada, progresso.	População não-escolarizada, atraso.
Personagem-narrador (médico).	Damásio Siqueira (jagunço).
Existência de uma elite que usava a norma padrão.	Uso quase exclusivo da variedade não padrão da língua.

Tabela 1: Quadro da estrutura do conto (BARBOSA MACENO, 2016 p. 153)

Desse modo, de forma sutil em uma estética literária, Rosa demonstra como a linguagem pode ser usada como instrumento de poder e ao mesmo tempo, dependendo do nível de proficiência do leitor, como marcas de exclusão e imposição de uma cultura sobre a outra em forma de opressão, pois, a relação de diálogo estabelecida entre o médico e Damásio sugere uma valoração do homem culto.

Assim, através da linguagem literária, Rosa revela um pensamento recorrente, como se o homem que domina a oralidade e escrita de acordo com as regras formais da língua é superior ao “inculto”, como se seu modo de vida e costumes também o fossem. Nesse sentido, podemos considerar que, a partir das narrativas ficcionais dos contos, questiona-se a possibilidade do reconhecimento de diferentes identidades culturais, bem como a ausência do poder constituído através de escolas para as populações interioranas.

Nesse sentido, o autor demonstra a variante linguística do homem rústico com vistas a evidenciar que as pessoas sem acesso à educação formal eram reais naquele período do Brasil, sendo, também, a maior parte da população. Vejamos um trecho da obra em que Damásio expressa-se através da variante linguística “pra mor de lhe perguntar a pergunta” (ROSA, 2001,

p. 52), sendo tal variante de uso muito comum pela população interiorana. É importante considerar que, apesar de explorar a oralidade do sertanejo, Rosa inventa sua própria linguagem literária.

Outra questão interessante demonstrada por Rosa é um comportamento do homem do interior, que é a desconfiança daquilo que ele não conhece, sobretudo com o que se relaciona com o homem urbano, considerado moderno, como podemos observar no trecho “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca” (ROSA, 2001, p. 53), pois Damásio procurou o médico por desconfiança de ter sido insultado pelo moço do governo e não confiou no padre para lhe sanar a dúvida.

Fato que comprova tal questão relaciona-se à necessidade de Damásio ter que procurar um médico distante para sanar sua dúvida, visto que evitou o padre temendo ser enganado e não havia outra pessoa como referência, como, por exemplo, um professor, na sua comunidade que pudesse lhe explicar o significado de “famigerado”.

Assim, entendemos o porquê da seguinte fala do jagunço Damásio: “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” (ROSA, 2001, p. 53), pois o médico era uma referência de pessoa instruída e a mais comum no ambiente do homem do interior, a qual inspirava confiança por estar ali na comunidade prestando serviços relevantes à saúde daquela população. Podemos conferir essa confiança em outra fala do jagunço Damásio, pelo tom de sinceridade ao se comunicar com o médico: “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana” (ROSA, 2001, p.), o que significa pedir ao médico para explicá-lo em fala de “pobre”, admitindo sua falta de instrução formal e a associando à classe social, como se a instrução estivesse associada às posses e propriedades de uma pessoa.

Pensando no plano factual, o não acesso à educação formal não poderia ser tomado como motivo para que as pessoas continuassem à margem social, sendo menosprezadas pelo jeito de falar e de ser do interior. Assim, infere-se que a participação desses personagens nas obras, bem como a cena interiorana sertaneja seja uma maneira de o autor promover a inclusão dessas pessoas e de suas realidades no ambiente do Brasil “civilizado” e no cotidiano do homem metropolitano, moderno, porém, uma inclusão sem preconceitos e sem estereótipos o que era uma postura muito avançada na sua época.

Assim, Rosa apresenta vários personagens que têm algo a ensinar, com mitos, crenças e costumes que fazem parte da cultura popular brasileira de pessoas da região onde se passam os contos, sem interferência predominante dos valores europeus e principalmente das imposições dos valores do colonizador. Nesse sentido concordamos com as observações da autora Viviane Michelline Veloso Danese que em sua dissertação de mestrado nos afirma:

O contexto da modernidade foi debatido para dele ressaltar a abordagem narrativa da obra rosiana [...] quanto mais o país emancipa sua produção literária, desvinculando-se dos modelos impostos pela civilização europeia, mais próximo o discurso fica da coisa narrada bem como da construção de uma identidade estética. (DANESE, 2014, p. 4)

Portanto, conforme levantado anteriormente, o ambiente e personagens da obra *Roseana* nos contos aqui discutidos representam uma ruptura com os valores europeus, os quais eram cultivados pelo homem letrado dos grandes centros urbanos do Brasil. E assim, através da estética literária Rosa inclui o homem do campo, seu lugar de vida e sua cultura como parte da identidade cultural genuinamente brasileira, contrariando o discurso da elite intelectual que insistia em disseminar os valores europeus como únicos válidos para o desenvolvimento do Brasil.

Para isso, a obra *Roseana* ressaltou antagonismos entre o campo e cidade através dos contos “Famigerado” e “Fatalidade”, demonstrando tensões e conflitos semelhantes entre homem letrado e jagunço, homem da lei e jagunço dado à violência, homem da lei que a burla e homem simples que, apesar de não a ter acessível, faz questão de respeitá-la. Também questões de preconceito socio-linguístico, de ausência do Estado como, por exemplo, carência em relação à educação formal e à justiça.

Portanto, através de uma narrativa literária marcada, em suas entrelinhas, por uma tensão constante entre cidade e campo, Rosa revela e busca o reconhecimento do Brasil do interior. Muito embora com um tom conflituoso entre desenvolvimento urbano e vida no campo, o conto “As margens da Alegria” vem desfazer a perspectiva de narrativa pejorativa ao ambiente e ao povo do campo, uma vez que, a partir das impressões do garoto, no sentido de demonstrar o valor do campo para ele, percebemos a contraposição à crença ilusória de seus tios em que apresentar a cidade grande ao menino, o colocaria em contato com um mundo melhor e civilizado.

Assim, contrapondo aos contos “Famigerado”, analisado anteriormente, e “Fatalidade”, cuja análise se dará mais a frente, o conto “As margens da alegria” vem desconstruir o discurso de “desvalorização” do homem do campo e sua vida no Brasil do interior, como veremos nas reflexões a seguir.

4.2 AS MARGENS DA ALEGRIA

O conto “As margens da alegria” narra a estória de um menino que tem a oportunidade de viajar com os tios para visitar o canteiro de obras da construção de uma cidade grande ou “grande cidade”, como é descrita, muitas vezes, no conto em questão. Vale destacar que a mudança de posição do adjetivo pode acarretar, também, uma mudança na significação da expressão, que ora representa uma localidade com grandes dimensões, ora uma localidade notória.

Essa viagem de avião representa, ao menino, novos olhares para o mundo a sua volta e descobertas em um universo diferente de seu cotidiano no campo. Além das descobertas, as novas experiências do menino na cidade grande em construção revelam conflitos existenciais como vida e morte e, sobretudo, de acordo com o contexto que pretendemos investigar no presente trabalho, conflitos entre o seu mundo rural e o urbano que ele acaba por descobrir nessa viagem.

Assim, o conto “As margens da alegria”, que a princípio parece narrar uma ficção ingênua, nos apresenta um questionamento: Quem, de fato, estava às margens da alegria? O menino simples da localidade interiorana ou seus tios que lhe oportunizaram aquele passeio à construção da cidade grande?

Interessante observar que o conto é narrado em terceira pessoa, porém com emprego do Discurso Indireto Livre, em que o narrador reproduz falas desse menino, como no exemplo “Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru — aquele. O peru” (ROSA, p. 23), em que as impressões do menino são evidenciadas de modo a ilustrar o olhar de inocência diante de fatos que não compreendia.

É através desse mesmo olhar que a paisagem é contemplada, porém sendo descrita de maneiras diferentes. Se em um primeiro momento, o menino, feliz pelo encontro com o peru, descreve o que vê de maneira positiva, ainda que para o tio, tudo se fazia irrelevante:

O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canelade-ema. O que o Tio falava: que ali havia “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser

dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares (ROSA, 2001, p. 46, 47)

Após a morte do peru, tudo perde a cor para a criança e a paisagem, outrora linda, exuberante e viva, passa a ser apreendida de maneira negativa:

Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha. Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto — transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? (ROSA, 2001, p. 47, 48)

A pergunta foi respondida com uma demonstração, sendo derrubada uma árvore na frente de todos, tendo o menino sentido tristeza diante de tal ato.

Ao que tudo indica, o lugar onde se construía aquela grande cidade representava a construção de Brasília, conforme observaram as autoras Borges e Lopes de Souza no excerto abaixo:

“Em Primeiras estórias, temos a presença de um menino viajante que abre e fecha a coletânea de contos e oferece ao leitor a paisagem de um Brasil em construção, marcado pelo nascimento de uma acidade, Brasília.” (BORGES e LOPES DE SOUZA, 2014 p. 132, 133)

Nesse sentido, acreditamos que Rosa descreve a experiência de um garoto do Brasil rural em contato com a realidade de seus contemporâneos que vivem na modernidade da cidade grande. Esses contemporâneos são representados pelo casal de tios do garoto, os quais acreditam que os valores, costumes e as estruturas oferecidas pelas cidades mais urbanizadas se sobreponham aos valores da vida interiorana do menino, como podemos ver na citação: “E prometia-lhe o tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente.” (ROSA, 2001, p. 46)

Nesse pequeno trecho, podemos perceber que o discurso do tio denota uma postura de valorização do que a cidade grande podia oferecer ao garoto em detrimento do que a vida do interior lhe proporcionava. Contudo, no mesmo trecho, o fato de o narrador dizer “O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente” pode indicar uma crítica, uma reflexão de que

aqueles valores eram importantes na perspectiva do tio e não tinham tanta importância na perspectiva do garoto. Essa reflexão, das perspectivas diferentes, pode ser demonstrada também nos seguintes excertos da obra de Rosa:

Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. [...] o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonltriante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruzlou outro gluglo. O menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para o passeio. [...] Pensava no peru, quando voltavam. [...] Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa? [...] Como podiam? Por que tão de repente? [...] Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru-seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. (ROSA, 2001, p. 46,47)

Ao que tudo indica, pela leitura dos trechos elencados anteriormente, os tios do garoto tentavam agradá-lo, com as atrações e novidades na construção da grande cidade, acreditando que essas experiências e valores eram objeto de desejo e realização do sobrinho, porém o menino se apegou ao peru. Assim, a perspectiva de valorização da ave nos indica que, apesar de o menino ter sido exposto a novidades e ao horizonte de modernidades de grandes centros urbanos, ele se identificou com o peru como forma de recuperar sua identidade, sua raiz interiorana.

Nesse contexto, ao lermos os trechos que relatam que o menino admirava o peru, que lhe satisfazia os olhos, que riu com todo coração, que pensava na ave quando voltavam e que sofreu com desgosto e desengano ao constatar que o objeto de sua admiração havia morrido, podemos inferir que, de uma forma sutil e aparentemente despreziosa, Rosa, através da narrativa literária, tece uma crítica ou mesmo uma reflexão de que a modernidade, os valores, os conceitos e costumes dos grandes centros não são superiores ao modo de vida sertaneja, numa perspectiva de busca de identidade da cultura natural do brasileiro do interior sem interferência da cultura valorizada pelas pessoas dos grandes centros urbanos.

Assim, percebemos que o conto “As margens da alegria” é permeado por um questionamento acerca de quem estava realmente alegre: se era o menino exposto ao “desenvolvimento”, ou seus tios por proporcionarem aquela experiência ao sobrinho, pois há nas impressões do menino e de seus tios uma dualidade de sentimentos em que o menino, mesmo depois de exposto à modernidade, continua apegado ao mundo rural e seus tios demonstram apego ao moderno e à vida urbana. E assim a narrativa do conto constrói uma

dúvida do que realmente representa a alegria. O fato de Rosa ter sido um escritor que tivera a oportunidade de conhecer os dois mundos aqui discutidos, ou seja, o rural e o moderno reforça essa indagação. Vejamos o que observa a respeito da vivência de Rosa a autora Vasconcelos:

Guimarães Rosa, depois de deixar Cordisburgo em 1918 para estudar em Belo Horizonte, também, à sua maneira, fez sua viagem etnográfica ao sertão de Minas, que percorreu a cavalo, seja como médico, na década de 30, ou já diplomata, em dezembro de 1945 e maio de 1952. Nessas ocasiões, curando doentes ou revendo o mundo em que vivera quando menino, Rosa retoma contato com os costumes, falas, histórias, cantos e danças dos homens do sertão. Trata-se, portanto, de um escritor cuja formação foi profundamente marcada por essa experiência de mediação entre dois mundos, ou entre dois modos de vida, um rural e tradicional e outro urbano e moderno. (VASCONCELOS, 1998 p. 80)

A oportunidade de ter vivenciado os dois mundos, ou seja, a vida rural e a urbana, conferem a Rosa destacada e abrangente visão crítica dessas sociedades numa perspectiva que, certamente, poucos escritores literários tiveram, pois o comum era que um escritor essencialmente de origem urbana observasse os sertanejos, os caipiras, os homens do interior e os descrevessem, através de seus personagens, conforme sua visão de mundo “modernista”.

Assim, através de reflexões do que afirmou Vasconcelos (1998), Rosa está numa perspectiva diferenciada, no sentido de ser capaz de descrever, simbolicamente, os conflitos entre o mundo rural e urbano, pelo fato de sua vivência o oportunizar autoridade de pertencer a esses dois mundos.

4.3 FATALIDADE

A narrativa do conto “Fatalidade” nos mostra a busca por justiça pelos meios institucionais que estavam ausentes do ambiente rural do personagem Zé Centralfe. Proveniente de uma pequena comunidade rural, o arraial do Pai-do-Padre, o homenzinho, como relata o narrador do conto, vai até a cidade à procura de uma solução, por meios legais, do incômodo sofrido por ele e por sua mulher, causados pelo personagem Herculinão, o qual estava perseguindo sua esposa.

Na esperança de encontrar o tratamento adequado ao seu problema, Centralfe resolve se deslocar até a cidade para pedir ajuda ao delegado, que representa o mundo civilizado, o poder do estado e a justiça. Todavia, já no início de conversa, o delegado dá uma resposta desanimadora ao sertanejo: “Sou homem de muita lei... Tenho um primo oficial-de-justiça. [...]”,

mas não me abrange socorro. [...] Sou muito amante da ordem. [...]” Meu Amigo murmurou mais ou menos: — “Não estamos debaixo da lei, mas da graça...” (Rosa 2001, p. 87).

Neste trecho, percebemos que mesmo sendo um homem simples do campo, de um lugar supostamente longe de todo tipo de instituição que represente o Estado e principalmente a justiça, o homenzinho, como relata o narrador, acredita na justiça. Porém, ao relatar que tem um primo oficial de justiça e que ele não o socorre, acreditamos que, na narrativa, o homem do campo tem consciência da ausência do estado em seu dia a dia, que a justiça, propriamente dita, é uma instituição longe e inatingível, apesar de ser operada por homens semelhantes a um sertanejo como ele mesmo, uma vez que o detalhe de o primo de Centeralfe ser oficial de justiça pode representar que até o homem simples que alcançou um cargo dessa natureza esquece-se da importância de suas origens no campo e praticamente abandona seu próprio povo.

Outro ponto interessante é a resposta que o delegado dá, de início, a Centeralfe, pois soa como uma negação ao que ele acredita como referência de autoridade e justiça. Então, ao afirmar que “não estamos debaixo da lei, mas da graça...”, o delegado desconstrói a crença de Centeralfe e talvez a crença popular de que no campo impera a ilegalidade e a desordem sendo a cidade a referência de ordem e lei.

Nesse sentido, será que podemos considerar que o delegado queria dizer que fatalmente a justiça é omissa tanto no campo como na cidade? Com certeza é uma resposta complexa a se buscar, entretanto, com o desfecho do conto, acreditamos ser essa uma realidade hipoteticamente levantada nas entrelinhas. Aspecto que poderemos tratar mais adiante. Com relação à questão da frustrada busca pela justiça de um sertanejo, encontramos a autora Catarina Oliveira, a qual observa em sua dissertação de mestrado:

Fatalidade” conta a história de um homem que vai até à cidade pedir justiça sobre um homem/jagunço que andava a perseguir a sua mulher. Zé Centeralfe, um trabalhador rural, vem do arraial Pai-do-Padre onde a marca da autoridade não estava presente, diz ser um ‘homem de muita lei’ e como tal não quis tratar do assunto de forma ilegal. Sai do lugarejo em direção à cidade para aí encontrar e usufruir do poder legal na expectativa de que o problema seja resolvido, conhece o delegado da cidade a quem pede ajuda. A primeira reação perante este pedido de ajuda levanta, para o leitor, desconfiança. Diz o delegado: ‘Não estamos debaixo da lei, mas da graça...’ (Rosa 2005, 102, *itálicos do autor*). Esta afirmação dá conta de um delegado descrente quanto à força e eficácia da lei. (OLIVEIRA 2014, p. 13)

Desse modo, Rosa, além de mostrar a desigualdade de acesso às instituições do estado, da parte “civilizada” do Brasil, mostra, também, que apesar de Zé Centeralfe ter procurado os meios legais e institucionais para resolver seu problema, ele foi induzido a tratar essa questão

pelas regras do sertão, ou seja, pela lei dos jagunços através da força. A esse respeito, vejamos o que nos diz a autora Oliveira:

“Fatalidade”, Centralfe pensa que tem direito à lei e à justiça e é por isso que a procura. No entanto, o que lhe é oferecido pela lei é o contrário do que essa entidade representa. Através da astúcia do delegado, Centralfe é levado a enfrentar o jagunço. A sua acção, legitimada pelo delegado, tem consequências: a morte de Herculino e a afirmação da lei enquanto reguladora da ordem. (Oliveira 2014, p. 71)

Assim, de um modo contraditório e questionável do ponto de vista da legitimidade e da lei, Centralfe tem acesso à justiça por uma acção violenta com a permissão do Delegado. Então, esse fato representa outra omissão do Estado no sentido do direito do jagunço, pois ele não teve direito a um julgamento e foi condenado a morte em uma circunstância conduzida e arquitetada pelo próprio delegado. Mais uma vez, percebemos o retrato de um encontro conflituoso entre o homem do campo e o da “civilização”, pois o Delegado impôs ao jagunço Herculano violência e condenação pela força, utilizando-se de sua posição privilegiada perante sua representatividade do Estado para burlar o próprio ordenamento jurídico que ele deveria defender.

Mais uma vez, encontramos dois personagens de Rosa sofrendo exclusão por omissão e acção do homem letrado, pois Zé Centralfe ficou sem acesso à justiça e Herculano não teve direito ao devido processo legal. Ambos representam, independentemente dos resultados arquitetados pelo delegado, o abandono e preconceito ao homem do campo, enquanto o delegado representa a omissão do Estado e da sociedade organizada, revestida de legitimidade escondida atrás do discurso civilizatório do homem da cidade grande com resquícios discursivos do colonizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura dos contos, da realização de pesquisas e da aproximação das teorias estudadas com as obras literárias, pudemos observar que há, em certa medida, a representação do homem do interior nos contos analisados. A partir dos trechos abordados, verificamos que tal representação se deu de modo a valorizar a figura do homem do campo, sendo ele representante de toda comunidade rural que outrora foi representada, pejorativamente, na e pela literatura.

Sendo assim, não podemos afastar a possibilidade de Rosa ter usado ou inserido, em sua obra, observações profundas das relações do meio rural e urbano numa perspectiva abrangente, pois, como comentado anteriormente, Rosa teve a oportunidade de viver nos dois mundos sendo oriundo do meio que era comumente desprezado pelas elites do Brasil urbano de sua época, sobretudo pela elite intelectual em suas produções literárias.

Desse modo, para um leitor mais atencioso, sua obra traz luz às visões de atraso presentes no imaginário brasileiro a respeito do homem do interior e ao conseqüente abandono sofrido por essas populações. Assim, fica evidente, na pesquisa, o fato de haver, nos contos roseanos aqui discutidos, relatos tão abrangentes que valorizam, através de personagens, o papel, a existência, a vida, o modo de ser, a cultura, a oralidade, os causos, a dança e toda a brasilidade, sem interferências europeias, de pessoas comuns e povo.

Semelhantemente, Rosa, através da linguagem literária, descreve uma série de mazelas sociais geradas pela tensão ocorrida, naquele período no Brasil, através dos enredos, condições, e características dos personagens aqui discutidos. O grande diferencial na narrativa roseana é que o autor levanta discussões tão profundas sobre mazelas do Brasil, como o preconceito e o abandono ao povo do campo, de uma maneira tão interessante e genial, sem abrir mão da arte literária, pois preserva a estética literária, de modo a contribuir para a leitura de fruição. Tal leitura faz com que, muitas vezes, alguns leitores leem os contos e não percebem tão profundos relatos e questionamentos das relações tensas aqui levantadas. Nesse caso, as obras não perdem significação e continuam a encantar o leitor.

Sendo assim, resta apurado que, de fato, nos contos aqui analisados e através da criação e caracterização de seus personagens, Rosa busca um viés de questionamentos, relatos, reflexões e provocação de discussões a respeito da relação entre homem do campo e o homem dos grandes centros urbanos do Brasil, no que diz respeito aos pontos aqui discutidos. Nessa perspectiva, ao citar Bosi, a autora Araújo (2016) nos conduz a um sucinto relato capaz de resumir e confirmar muitas das reflexões levantadas no presente trabalho, vejamos:

Muitas personagens de *Primeiras estórias* acham-se privadas de saúde, de recursos materiais, de posição social e até mesmo do pleno uso da razão pelos esquemas de uma lógica social moderna, estritamente capitalista, só lhes resta esperar a miséria, a abjeção, o abandono, a morte. O narrador, cujo olho perspicaz nada perde, não poupa detalhes sobre o seu estado de carência extrema. (BOSI, 1998, apud Araújo, 2016, p. 366)

Desse modo, diante dessa constatação da miséria, abandono, morte e objeções vividas pelos personagens roseanos dos contos aqui discutidos, não nos restam dúvidas de que, além de trazer a seu leitor uma estética literária para a leitura de fruição, Rosa também usa dessas obras para trazer à tona relações e problemas sociais de um Brasil dividido, sem precisar usar de um discurso agressivo e direto para denunciar suas observações de injustiças.

Nesse sentido, Rosa adota uma postura crítica em relação aos temas levantados, ou seja, com relação à representação do homem do interior, uma vez que, em produções literárias muito próximas à dele, tal representação ocorreu, predominantemente, de forma pejorativa, de modo a diminuir a população rural, em detrimento da urbana. Desse modo, somos levados a reflexões de como, a partir de seus contos, Rosa traz a verdadeira essência do homem do interior, não apenas para representá-la, literariamente, mas também para valorizá-la e destacá-la em seu próprio mundo do interior, como elemento indispensável à identidade genuinamente brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Bárbara delRio. **A POÉTICA MODERNA EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

BORGES, Telma e LOPES DE SOUZA, Zildete. **Entre a voz e a letra: as narrativas performáticas de Guimarães Rosa e Mia Couto**. Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes 2014.

BRAIT, Beth. **A PERSONAGEM**. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

BRANDINO, Luiza. **"Guimarães Rosa"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/guimaraes-rosa.htm>. Acesso em 26 de abril de 2020.Site: <https://www.portugues.com.br/literatura/joao-guimaraes-rosa.html>

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD Anatol, PRADO Decio de Almeida e Paulo Emílio Sales GOMES. **A Personagem de Ficção**. 2ª edição, Editora Perspectiva São Paulo 1968. Disponível em; "http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros"

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

COSTA, Raimundo Dalvo. **GUIMARÃES ROSA: AS MARGENS DA ALEGRIA**. 2011.http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/historia/4costa_raimundo_artigo.pdf. Acesso 08.11.2020

DANESE, Viviane Michelline Veloso, 1974- **Os "entre" em as margens e os cimos: estudos do espaço em João Guimarães Rosa** / Viviane Michelline Veloso Danese. Viçosa, MG, 2014.

MACENO, Regilane Barbosa. **O mundo e o mundo das palavras: análise sociológica do conto “Famigerado”, de João Guimarães Rosa**. Form@re. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*. / Universidade Federal do Piauí, 2016.

OLIVEIRA, Catarina. **Fronteira da lei: violência e poder em *The Man Who Shot Liberty Valance* de Johh Ford e *Fatalidade* de João Guimarães Rosa**. Dissertação, Mestrado em Estudos Comparatistas. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2014.

PINTO DA SILVA, Albert Stuart Rafael; **Representações de Caipira nas Práticas Literárias de Cornélio Pires**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

PRECIOSO, Adriana Lins. **Sertão e Cidade: Convergências poéticas em *Primeiras Estórias***. USP – São Paulo, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro, nova Fronteira, 2001. Benedito

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Os mundos de Rosa**. Revista USP, São Paulo, 1998.